

MOTIVAÇÕES PARA A ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO NO DISCURSO BILÍNGÜE

ISABELLA MOZZILLO DE MOURA

RESUMEN

El objetivo del presente trabajo fue investigar la manera por la cual se organizan las situaciones comunicativas en una familia cuya modalidad lingüística es distinta a la monolingüe. Para llegar a ese fin, fue imprescindible analizar los mecanismos que desencadenan el empleo de cada uno de los dos sistemas - el portugués y el español -, las motivaciones de carácter consciente o inconsciente y las exigencias lingüísticas, sociolingüísticas y emocionales responsables por el constante pasaje de un idioma a otro por parte de ambos hablantes estudiados, una equilingüe portugués-español y su marido, bilingüe desequilibrado de las mismas lenguas con dominancia en el portugués.

1. INTRODUÇÃO

Considera-se que, durante as interações bilíngües levadas a termo entre sujeitos que dominam - em maior ou menor grau - o mesmo par de línguas e nas quais está presente o fenômeno do code-switching¹, existe sempre mais do que uma mera alternância de códigos lingüísticos.

Gumperz (1970: 136) afirma que tal alternância está a serviço de fins claramente comunicativos, que os bilíngües não trocam de um sistema para o outro de maneira radical mas que, pelo contrário, na maioria das vezes, se apóiam na coexistência de formas lingüísticas alternadas com o objetivo de criar significados específicos.

O code-switching constitui, assim, recurso comunicativo da maior importância já que ocorre em praticamente todas as ocasiões em que há conversação entre bilíngües. Segundo Myers-Scotton (1993: 152), os falantes bilíngües pesam as vantagens e desvantagens das escolhas por uma ou outra língua antes de optarem durante a interação. O indivíduo tem, pois, a capacidade de calcular as conseqüências de uma opção lingüística determinada e emprega o code-switching ao perceber, no início ou

¹ A expressão *code-switching* servirá aqui para designar todo fenômeno de alternância lingüística dentro do discurso bilíngüe. Não serão consideradas, portanto, diferenciações teóricas entre code-switching *stricto sensu*, code-mixing ou empréstimos.

durante a conversa, que, com o uso de mais de um idioma, poderá obter maiores recompensas comunicativas.

2. OBJETIVOS DO ESTUDO

O presente trabalho teve como fim precípua a análise dos atos comunicativos que ocorrem diariamente em dois idiomas entre a pesquisadora -equilíngüe português/espanhol - e seu marido - bilíngüe desequilibrado português/espanhol -, de maneira a detectar um padrão de comportamento lingüístico.

De modo a investigar as motivações para a existência do code-switching na conversação bilíngüe dos sujeitos acima descritos, fez-se necessário o exame detalhado de diálogos familiares.

3. METODOLOGIA

A pesquisa em questão configurou-se, assim, em um estudo do tipo etnográfico na medida em que, de acordo com Hymes (1968: 101), se almejou considerar a fala dos locutores como sendo em si uma atividade analisável no que diz respeito às situações em que ocorre, ao uso que dela fazem os falantes, às suas características e às funções desempenhadas.

A metodologia escolhida para a investigação foi a da observação participante, já que a pesquisadora, para examinar os mecanismos desencadeadores de suas mudanças de um código lingüístico para o outro dentro das frases, entre as mesmas e de um enunciado para outro mais distante no discurso, utilizou o recurso de gravar suas próprias conversações ocorridas no ambiente doméstico.

As gravações foram realizadas durante três meses, de maneira esporádica, sem definição prévia de dias ou horários determinados. No entanto, as primeiras foram desprezadas devido ao fato de que os diálogos, diante do gravador, resultaram altamente artificiais. Tais gravações registraram situações variadas como, por exemplo, conversas desenvolvidas pelo casal sozinho em casa; conversas do casal sozinho diante da filha; conversas do casal com a filha de um ano de idade; conversas do casal por telefone (gravadas com o auxílio do “viva voz”).

As gravações assim obtidas possibilitaram a formação de um corpus considerado satisfatório para levar a cabo a análise em questão, devido ao fato de que foram detectadas a maior parte das situações previstas na literatura especializada assim como, também, um bom número de situações não descritas na bibliografia disponível.

Finalizada a fase de gravação, os diálogos foram transcritos pela própria pesquisadora, a qual empregou para tal tarefa o sistema ortográfico padrão tendo em vista que a reprodução fiel da pronúncia e da entonação - através de símbolos fonéticos e outros sinais de marcação - não interessaram de modo específico ao estudo em pauta. Entretanto, criaram-se símbolos especiais para indicar fatos interessantes para a análise, tais como:

1. As interações em língua espanhola são transcritas em **negrito**.
2. As interações em língua portuguesa são transcritas em *itálico*.
3. O sinal == indica o tom jocoso das falas.
4. O sinal # indica que a conversa é telefônica.
5. O sinal ° é indicador de que a filha bebê dos falantes está presente.
6. O sinal ^ indica que há alguma inadequação no discurso em língua espanhola do bilíngüe desequilibrado capaz de provocar reação por parte da pesquisadora .
7. O sublinhado evidencia inserção, sem motivação aparente, de termo ou sintagma não pertencente à língua de base, idioma no qual está ocorrendo o diálogo.
8. Os colchetes indicam que a inserção do elemento de uma língua dentro da estrutura da outra ocorre de maneira consciente.

De acordo com Erickson (1991: 346), a investigação científica do tipo da observação participante, cujos dados são coletados através do registro de interações, constitui uma pesquisa de caráter interpretativo. Pesquisas assim caracterizadas são relatadas principalmente por meio de descrições. Dentre as descrições existentes na ciência - geral, de médio porte e específica - a que melhor dá conta dos dados em análise é a descrição específica.

Neste caso em particular, as conclusões a respeito do padrão bilíngüe de interação lingüística dos falantes sob exame resultaram de uma descrição detalhada, através de vinhetas narrativas concretas, de fatos ocorridos em ocasiões específicas de comunicação. Tais vinhetas, portanto, permitiram à analista descrever e investigar detalhes e nuances do seu discurso quando em situação de contato com um interlocutor não monolíngüe.

Sendo, conseqüentemente, o escopo do presente trabalho o de examinar o desempenho lingüístico da pesquisadora em contato com um falante com o qual desenvolve diariamente interações bilíngües, foram desconsiderados os erros e/ou inadequações apresentados por seu interlocutor nas ocasiões em que este fala espanhol, sua língua não materna. Entretanto, fenômenos englobáveis sob a denominação geral de code-switching no discurso do bilíngüe desequilibrado foram sinalizados nos casos em que exerceram, direta ou indiretamente, influência sobre a produção oral da falante eqüilíngüe.

4. ANÁLISE DAS MOTIVAÇÕES PARA O CODE-SWITCHING

Após terem sido examinadas as vinhetas através das quais os dados deste estudo foram apresentados, foi possível elaborar uma listagem das motivações que impelem a alternância entre o português e o espanhol no discurso familiar da pesquisadora.

Filha de brasileiros, foi criada em um ambiente doméstico onde apenas o português era falado mas teve a oportunidade de também falar o espanhol, língua do país em que nasceu e onde morou até os dezoito anos e meio.

Embora dominando tais idiomas equilibradamente ao ponto de passar por uma nativa diante de falantes monolíngües de cada um, durante o período em que viveu na Argentina, a pesquisadora não os alternava nos mesmos meios, não passava de um sistema lingüístico ao outro com os mesmos interlocutores. Tal comportamento explica-se pelo fato de que as pessoas com quem interagira fora de sua casa não dominavam evidentemente o português e também, por outro lado, porque aqueles que poderiam falar as duas línguas, seus familiares, não estimulavam essa prática, reservando-a apenas para fins muito específicos.

Já instalada no Brasil, passou a conviver a diário com um interlocutor brasileiro que se tornou, por seu intermédio, falante de espanhol como língua estrangeira. Para que seu marido aprendesse esse idioma, a pesquisadora forneceu-lhe insumos lingüísticos sempre que possível e, sem tê-lo premeditado, com maior ênfase na função emotiva da língua.

Assim, o português passou a ser empregado predominantemente para cumprir funções de cunho referencial, o que implicou a paulatina especialização das duas línguas no ambiente doméstico onde convivem os falantes em estudo. Contudo, no momento em que o desempenho em espanhol por parte do marido da pesquisadora atingiu um nível razoável, vários assuntos puderam ser tratados também nessa língua e a interação entre ambos solidificou-se dentro de um modelo de bilingüismo cotidiano. Qualquer tópico de conversação pode ser tratado, a rigor, em qualquer um dos dois sistemas lingüísticos disponíveis - embora existam preferências por um ou por outro. O fenômeno do code-switching, praticamente inexistente no discurso da falante equilíngüe antes do convívio com seu marido, tornou-se prática constante em sua comunicação habitual e padrão de interação familiar.

Através do que se observa nos micro-diálogos exemplificativos do que foi coletado durante a pesquisa, conclui-se que motivações variadas determinam a alternância de código por parte da pesquisadora quando em contato com um falante de seus dois idiomas. Tendo em vista que, no caso sob exame, o fator motivador em sentido amplo de todo code-switching - dentro das sentenças (salvo nos exemplos de falta de disponibilidade na memória), entre as mesmas ou entre enunciados no discurso - é, na verdade, o desejo consciente ou inconsciente de marcar o discurso, a necessidade imediata de expressar a idéia da maneira mais significativa, podem ser elencadas várias razões para a sua prática, a saber :

1. motivações lingüísticas - nos casos em que a passagem para o outro código, com ou sem adaptação das palavras à pronúncia da língua de base, deve-se à falta de disponibilidade de um termo nesse idioma.

I

**la Navidad está bien, a la mañana se
comió su su de siempre [danoniño],
¿no?**

F

¿cómo está la Navidad?

sí, que le encanta

Não morando na Argentina há vários anos, a equilíngüe (doravante I) não tem a informação de que precisa: de que maneira a marca Danone - existente naquele país - designa esse tipo de produto. Supondo-se que a empresa siga a mesma estratégia e dê a seus queijinhos o diminutivo de seu nome, estes seriam, então, denominados “danonitos”. A opção de I - após alguma hesitação - pela forma “aportuguesada” **danoniño**, a qual imita através de sons em espanhol, pode ser explicada pelo desejo de que seu interlocutor (doravante F) - de quem é principal fonte de insumo lingüístico - não a tome por modelo e não venha a empregá-la seriamente.

2. motivações sociolingüísticas - nas ocasiões em que a presença da filha bebê do casal determina a mudança de código para o espanhol, regra familiar que, se violada, acarreta grande sensação de desconforto.

I

*fica ruim pra gravar porque vai sair
o televisor, as conversas, o palhacinho,
o choro da Marina, né?*

**já tá ° che, bebida, te pongo paradita,
te pongo paradita, oh, mirá**

F

tá gravando aí já?

°bebu, bebu...

Nesta ocasião particular, nota-se o code-switching motivado, não apenas pela troca de tópico, mas, especialmente, pela presença do bebê a quem é dirigida a palavra. Ambos, I e F, falam em espanhol com a filha por força de pacto familiar, razão pela qual a língua de interação é automaticamente modificada por quem primeiro se dirige a ela e tal troca é respeitada pelo outro.

3. motivações estilísticas - nas oportunidades em que, de modo a obter a colaboração ou simples reação do outro falante, aproveita-se a semelhança entre as línguas para levar a cabo jogos lingüísticos, brincadeiras, invenções de sentido para termos ou criações verbais.

Sendo o calco de palavras ou expressões similares quanto à forma mas diferentes quanto ao significado e/ou quanto à função um dos processos mais produtivos de transferência lexical entre línguas, segundo Li (1996: 14), no exemplo seguinte ocorre a inserção de uma expressão inexistente em espanhol com a intenção de provocar riso.

I

sí y ahora está jugando con C.

anda por acá [borboleteando]==

F

uía, ¿y tu mamá?

(RISOS) bueno

A expressão *borboletear* no sentido de dar voltas e não fazer nada de proveitoso é tão peculiar ao português que o seu emprego por parte de I no meio do discurso em espanhol provoca riso em F, justamente o efeito buscado desde o momento em que dá à frase uma entonação divertida. A palavra *borboleta* não existe em espanhol, sendo **mariposa** seu termo equivalente. De acordo com Sankoff & Poplack (1981 apud Hamers & Blanc, 1989: 150), a formação do termo * **borboleteando** é perfeitamente plausível em espanhol devido ao respeito à regra de restrição do morfema livre segundo a qual não pode existir alternância lingüística entre um morfema preso e uma forma lexical a menos que esta seja integrada fonologicamente à língua do morfema. A forma lexical da palavra inexistente em espanhol se adapta corretamente à terminação do gerúndio -eando e resulta, assim, em um vocábulo bem constituído. O que resulta tão cômico, então, é a possibilidade de criação de algo que poderia existir em espanhol mas que não existe e que, justamente, só pode ser compreendido por alguém que seja bilíngüe e que, além de conhecer o termo porque fala a língua onde este se originou, tenha sensibilidade para apreciar a transgressão lingüística proposital.

4. motivações cognitivas - presentes nos casos em que o desconhecimento de palavra em espanhol implica a inserção de termo em português - adaptado ou não - ao discurso em desenvolvimento.

I

**la beba está linda, se durmió, se comió
un yogur**

**ahora va a comerse algo con leche, no
sé si un un [mingau] == o algo, qué
sé yo, no sé**

F

bueno

bueno

Segundo Ervin-Tripp (1968: 206), por mais equilibrado que um bilíngüe seja, não possui experiências totalmente equivalentes nas suas duas culturas, o que ocasiona diferenças na função desempenhada por cada idioma e implica relativa falta de familiaridade com o léxico de determinadas áreas. Devido ao fato de ter passado a sua infância em um ambiente doméstico onde só se falava português, I desconhece alguns termos específicos da linguagem que os pais dirigem aos filhos pequenos ao lhes falarem em espanhol. O emprego de *mingau* é exemplo disso: nunca ouviu ou, pelo menos, não tem registro de ter ouvido o vocábulo equivalente. Ainda que suponha que o termo adequado à situação possa ser **papilla**, prefere dizer aquilo que a remete à sua própria experiência, à época em que lhe preparavam *mingau* em português.

Assim, de maneira consciente - observe-se o tom jocoso -, o adapta à pronúncia do espanhol através de um mínimo ajuste fonético e o integra facilmente a seu discurso sem sentimentos de cunho negativo em relação ao seu desempenho: aceita o fato de

que, devido às características do desenvolvimento do seu bilingüismo, há coisas peculiares a ambas as culturas veiculadas através de suas duas línguas às quais não pôde ter acesso durante a infância, época em que as adquiriu.

5. motivações emocionais - nas ocasiões em que o assunto remete a vivências que se expressam melhor em determinada língua por serem rotinas trazidas da infância, por exemplo. Também nas vezes em que se pretende marcar o estado anímico, dar ênfase a idéias, amenizá-las ou tentar persuadir ou dissuadir o interlocutor.

No exemplo abaixo o termo do português inserido na língua de base não obedece à estrutura e à pronúncia do espanhol por motivações de caráter enfático.

| | |
|--|---|
| I | F |
| y sí, vamos a intentar, pero me traés una película <i>prestável</i> | voy a trabajar un poquitito, che, ¿llevo una película? |
| ay, por amor de Dios, cuidado, porque vos me traés cada porquería== | sí, voy a llevar una película de acción creo, me parece, tengo ganas |

Para Nawa (1989: 200), é através da mudança de código que o bilíngüe determina sua postura diante de certas situações e enfatiza o contraste sócio-simbólico existente no uso das duas línguas quando manipula os significados sociais durante a interação.

Com o intuito de deixar muito claro que o filme que F trará deve ser do seu agrado, I utiliza um termo peculiar e exclusivo do português sem moldá-lo à língua na qual ocorre o diálogo de maneira a torná-lo uma forma marcada. Note-se, entretanto, que, apesar do recurso persuasivo empregado por I e da conseqüente anuência de F, este insiste em trazer um filme de ação. Tal atitude motiva outro pedido por parte de I, porém é a exclamação exagerada aliada à entonação irônica o que dará ênfase à sua réplica.

6. motivações ambientais - nos exemplos em que o que detona a alternância de código lingüístico é a remissão, durante o discurso, a um ambiente no qual uma dada língua é utilizada com exclusividade.

No caso seguinte, apesar da alteração de código ter sido decidida por I, seu interlocutor não a acata e segue falando espanhol.

| | |
|--|---|
| I | F |
| estos jazz modernitos que son horribles y deprimentes | sí, sí, el jazz y esas cositas, ¿no? |

¿qué cositas? ninguna más==

ah, sí sí *imagina que chique a S. chegando no teu escritório, tu todo engravatado, dando uma de bom de fazendo pose e ouvindo Rush==*

y así...Rush por ejemplo==

(RISOS) puede ser lindo, ¿eh?==

¿te parece?==

O code-switching neste caso não parece obedecer a razões de mudança de tópico, já que se continua falando basicamente sobre a mesma coisa. O que motiva I a trocar de idioma pode ser o fato de que imaginar o ambiente do escritório de F e a virtual visita de S remetem-na diretamente para o português, língua materna e dominante de F, a qual é, por óbvio, empregada com exclusividade em circunstâncias de trabalho. Apesar de I não estar no ambiente de trabalho, este, de algum modo, condiciona o emprego de um dos códigos utilizados por ela em sua interação familiar diária, o correspondente ao país onde mora. Afirma Sharwood Smith (1989: 198) que a associação com fenômenos culturalmente idiossincráticos da comunidade de uma dada língua, assim como a referência a efeitos ou a tópicos contextualizados em ambientes onde esse idioma é empregado podem causar no falante alternância de sistema lingüístico.

Tal relação entre ambiente de trabalho e língua, entretanto, não é feita por F, que não respeita a troca levada a cabo por I e, prendendo-se não à visita da cliente mas ao fato de ouvir Rush - assunto começado em espanhol - prossegue no emprego da língua de base da interação.

7. disponibilidade na memória - nas vezes em que, devido à incapacidade momentânea de produzir uma palavra na língua da base, há apelo imediato e inconsciente a um termo equivalente no outro idioma, o qual é detonado automaticamente.

Esse fenômeno pode ocorrer devido à necessidade de suprir uma falha em uma língua, já que, no momento, o termo equivalente não é acessível na memória a longo prazo ou permanente, dentro da qual, segundo Scliar-Cabral (1991: 157), estão armazenados, de forma estruturada, o conjunto de conhecimentos, de crenças e as linguagens.

I

F

**bueno, la beba no me vio pasar
pero desconfió==**

¿ah?

**la beba no me vio pasar pero
creo que lo sospeché, ¿viste?**

pero, ¿dónde estabas?

I demonstra a seu interlocutor, por meio da entonação, empregando um tom jocoso, que a palavra **desconfió** está mal empregada no contexto específico. Devido ao fato de que as palavras estão armazenadas na memória com suas características gramaticais, I aproveita a pergunta de F para ganhar tempo e acessar rapidamente na memória o verbo correto para a circunstância em questão, qual seja, **sospechó**.

Conforme Scliar-Cabral (1991: 108), quando ocorre uma permuta entre palavras durante o discurso elas sempre pertencem à mesma classe sintática. O português e o espanhol, línguas extremamente próximas, apresentam, segundo Hoyos Andrade (1992: 8), numerosas palavras com forma semelhante ou idêntica que, no entanto, não querem dizer a mesma coisa ou compartilham apenas alguns significados. Em espanhol o verbo **desconfiar** existe mas não é empregável no contexto do exemplo acima, devendo-se utilizar o verbo **sospechar** no caso sob exame. Contudo, houve uma perfeita adaptação da idéia do *desconfiar* do português à estrutura da frase justamente porque, havendo tal palavra em espanhol, não foi necessário fazer-lhe modificações para que soasse de forma coerente com o resto da frase. Além de ter acessado o verbo adequado para a circunstância em questão, I completou a sua sentença acrescentando-lhe o pronome complemento de objeto direto **lo**, elemento indispensável em espanhol, embora correntemente apagado em português.

Li (1996: 11) afirma que o processo em análise baseia-se na similaridade formal entre o termo oriundo de uma língua e um outro não relacionado ou relacionado parcialmente do ponto de vista semântico e pertencente à outra língua que o hospeda dentro do discurso bilíngüe. Essa transferência semântica é típica de casos de pares de idiomas muito aparentados. Devido à acentuada semelhança entre os dois idiomas em pauta, é esse, possivelmente, um exemplo típico de “traição” lingüística e cultural a despeito da monitoração e conseqüente correção. Observe-se que, para a pesquisadora, o code-switching motivado por falha na memória, por falta de disponibilidade de determinado item em qualquer que seja a língua que está empregando durante a interação é o único que não aprecia, já que, dentro do estereótipo do bilingüismo altamente equilibrado, constitui um elemento perturbador.

8. solidariedade com o interlocutor - segundo o tópico de conversação desenvolvido, pode haver alternância ou mesmo manutenção do código lingüístico com o fim de exprimir sentimentos de companherismo ou compreensão.

No exemplo abaixo a tentativa dá resultado: F acata a mudança de código iniciada por I e aproveita a oportunidade para amenizar a conversa.

I

por quê?

F

e tô matando aula, né?

*claro, eu tinha que tar na aula lá
do troço aquele mas
mas deixa assim
mas eu não agüento mais, tchê*

¿el español que zzzzz que zzzzz?==

é, éste que habla así, la la ^
democracia y la libertad

la democracia

la democracia y la libertad son
muy importantes

No momento em que I imita comicamente a pronúncia do palestrante da Espanha, o qual, conforme característica fonética de algumas regiões daquele país, produz uma consoante fricativa interdental surda, F, após breve resposta ainda em português, aceita sua mudança e, mesmo cometendo um erro de prosódia e sendo corrigido por I, opta por continuar a conversa em espanhol.

9. demonstração de poder - nos casos em que a alternância de código é levada a termo com êxito, o que influencia o interlocutor para que acate a mudança e passe também a empregar a mesma língua.

No exemplo seguinte, o code-switching ocorre com o objetivo de trocar de tópico e de deixar claro o desejo de não mais tratar o assunto em questão. Contudo, o interlocutor, respeitando a alteração, passa a falar a língua escolhida por I.

I

F

después mañana por ahí empiezo
a escribir

¿mañana empezás a escribir?

sí empie...sigo escribiendo

qué lindo

sigo escribiendo *tá e tu e tu me conta
tudo*

*ah, eu tô numa loucura aqui, sabe
quantas notas saíram pra mim hoje no
jornal?*

ah?

*uma duas três quatro cinco seis
sete oito nove dez onze doze treze
catorze...*

(RISOS)

É nítida a intenção de dar por terminado o tema que trata daquilo que está sendo escrito e de passar a outro assunto qualquer. F acata a decisão de I no que se refere a deixar de falar em espanhol e continua a conversa em português, língua que será empregada a partir da alternância comandada pela equílingüe. Observa-se que, enquanto o diálogo versa sobre o trabalho que I leva a cabo em sua casa, a língua

utilizada é o espanhol mas que, quando se trata das atividades de F, desenvolvidas em um escritório fora do ambiente doméstico, o idioma que permanece é o do exterior, o português.

10. lealdade a uma cultura - em determinados casos, o emprego de uma determinada língua se impõe como o único possível pela necessidade de expressão plena de traços culturais.

I

F

isso aqui é lá de Punta, né?

*é do **Devoto***

Devoto...ah aquelas masitas do Devoto
que maravilha, né?

A necessidade de citar algum estabelecimento localizado em um dos países representados para I e F pelo português ou pelo espanhol os motiva a empregar sempre a sua língua original. Assim, o português é utilizado para referir coisas peculiares ao Brasil, evidentemente, e o espanhol é o código através do qual se nomeiam produtos exclusivos da cultura da Argentina e também do Uruguai - como no exemplo acima - devido à grande similaridade cultural entre esses dois países.

Tanto o nome do supermercado **Devoto** quanto o dos docinhos específicos da cultura do Rio da Prata, as **masitas**, foram pronunciados em espanhol por causa da referência direta a Punta del Este, cidade uruguaia na qual I e F passam freqüentemente férias e na qual compram tais produtos utilizando obviamente essa língua. O fato de que tais doces não existam no Brasil propicia a sua referência no idioma de sua região de origem, já que nenhum termo em português poderia dar conta da especificidade das **masitas**.

11. estratégia de manutenção do código - nas ocasiões em que, para não ter de corrigir o interlocutor, por exemplo, não se deseja marcar o discurso por meio da troca de língua, pretendendo-se, assim, continuar o emprego do idioma que está sendo falado, ainda que com adaptação sutil de termos alheios ao mesmo.

No caso abaixo ocorre a inserção, durante a conversa em espanhol, de termos inexistentes nessa língua como uma forma encontrada por I para não corrigir F e para lhe demonstrar solidariedade, já que ele quer lhe prestar um favor naquele momento.

I

F

¿me vas a traer el sandwichito?==

y a ver a ver, no sé, ¿de qué querés?==

(RISOS) y éste con huevos y qué sé yo

¿el chester?

sí

¿o te parece que el otro es más rico?

y bueno, traeme éste

pero no hay problema o si no traeme
el otro, qué sé yo, cualquier cosa...

a mí me gustan los dos, ya te dije

sí, o [pernil] o [chester]

entonces, el de huevo

huevo podrido==

sí

y no, el chester es bárbaro, a mí
me encanta

y bueno, pero el problema es que el
huevo va a estar helado, frío,
¿viste?

sí, pero ¿cuál querés? ¿querés de de
pernil por ejemplo?

¿los dos?

ah sí, pero tengo que elegir uno

el chester

(RISOS) y decime, ¿qué hay para
comer?

Mesmo sabendo que, a rigor, **pernil** existe em espanhol, I o considera uma adaptação do português, já que, por não fazer parte do léxico do seu dialeto, por não pertencer à variante lingüística do Rio da Prata, jamais o ouviu nem produziu nessa língua. Embora F pressinta que tais termos não pertencem ao espanhol a que está exposto diariamente, os pronuncia, demonstrando excelente competência fonética, nesse idioma. Nota-se a resistência de I no que tange a contrariar F através da correção e, ao mesmo tempo, a resistência a empregar **chester** e **pernil** no seu discurso. Por fim, após ter sucumbido à insistência de F e de ter empregado termos não pertencentes à língua da interação, I dá por terminado o tópico da escolha do sanduíche que F lhe trará citando um verso de uma cantiga de roda infantil conhecida por ambos cujo único ponto em comum com o assunto em pauta é a palavra **huevo**, o que a torna absurda dentro do contexto do diálogo e, por isso mesmo, cômica.

12. mudança de tópico - nos casos em que justamente o que se pretende é trocar de língua para poder mudar o tópico da conversação.

A seguir, nota-se nitidamente a passagem para o português no momento de tratar com seriedade um tema.

I

(RISOS) **bueno**

F

dale, dejá ahí que tenemos que

(RISOS)

**bueno, estoy arriba del micrófono,
arriba**

sí estoy toda...

qué asco

*tá, eu te contei que amanhã eu vou lá
na M.L. ter aulas com ela?*

*te lembra que eu te contei que a gente
que eu e a M. combinamos de ter uma
aula por semana com a M.L.*

de francês, não é meu amor

*não, ah é, te lembra que eu te contei
isso?*

*aí falei com a M.L. e amanhã nós
começamos*

Através de um *tá* I deu por terminado o tópico que, até então, vinha tratando em espanhol com F. Passa a relatar algo importante e sua vida profissional e, para tal, emprega o português, língua que emprega, por óbvio, fora de casa nas suas atividades de trabalho e de estudo. Como ocorre na maior parte das vezes, F respeita a mudança de código determinada por I e segue o diálogo na sua língua.

13. realização de digressões - nas vezes em que há comentários na outra língua que não a de base a respeito do assunto que vem sendo tratado.

I

*agora, num hotel a gente pode pedir
uma cama de bebê ou alguma coisa,
deve ter, né?*

**grabar muchas cosas, no te
preocupes**

**escucho mal y te pido que me lo
repitas**

así está bien, está bárbaro

**# mi teléfono hace ruidos bizarros
sabés, ¿no?**

eh, sí, es una cosa asquerosa

não, aula de quê?

de quê, meu amor?

ah, tu e a M., eu entendi eu e a M.

me lembro

que bom, querida, que bom

F

é, pois é, é melhor ir um dia antes

*será que hotéis têm berço? eu nunca
vi isso*

deben tener cunitas, ¿no?

**y sí, que se rejodan y que pongan
la cuna y déjense de hinchar==**

*ou se não, eles arrumam um cantinho
no chão, qualquer coisa*

também não

**y no sé, si no hay vamos a pedir
que lo hagan**

y...

claro

Nesse exemplo, pode ser observado que o espanhol serve como um momento de digressão dentro do discurso de I, a qual, devido à menção do berço do bebê, alterna para essa língua repetindo exatamente a mesma idéia exprimida anteriormente em português de modo a fazer breve parêntese dentro da conversa. Como F respeita a alternância e passa, também, a falar espanhol, afirmando que pedirá providências ao hotel no sentido de colocarem uma cama para a filha, I prossegue na mesma língua, ameaçando, comicamente, o pessoal do hotel se não o fizerem. Apesar da intenção demonstrada por F de seguir empregando o mesmo código, I interrompe a sua fala e volta a falar em português para marcar o fim da brincadeira e mostrar que realmente está preocupada com a acomodação da filha. Mais uma vez, F demonstra solidariedade e acata a troca.

14. comicidade - nos exemplos em que o efeito pretendido é o de divertir o interlocutor, imitar a fala de alguém ou expressar ironia.

No diálogo seguinte, contudo, a reação esperada por I não ocorre: seu interlocutor não compreende que se trata de uma transposição do que poderia ter sido dito em português - *então, traduzindo, ela é horrorosa* - e, além de não rir, pede esclarecimento. I renuncia, então, ao efeito cômico que havia imaginado provocar e diz a mesma coisa de modo mais simples.

I

pero es un monstruitín

sí claro, como todos los bebés, pero

(RISOS) [traduciendo], es un asco==

es muy feúcha

F

sí, pero es querida, pobrecita

sí, es horrible

¿ah?

y feuchísima, y bueno...

Para Sharwood Smith (1989: 198) bilíngües apreciam utilizar as línguas que compartilham com outros falantes para realizar brincadeiras, sendo que o fator lúdico é uma forma de empregar conscientemente seus duplos recursos lingüísticos, bem como de prolongar o prazer de manipular seus códigos simultaneamente.

15. preferência pessoal - muitas vezes, o que detona a troca de sistema lingüístico é a maior comodidade de expressão de certas idéias ou sentimentos em uma língua por questões de domínio do tópico ou experiência lingüística.

I

F

hay berenjenas y verduritas

¿qué verduritas hay?

le dije a la boluda hacé una verdura
y repollo y la tipa hizo *couve e espinafre*

¿pero de nuevo?

(RISOS)

Criada em Buenos Aires, onde se desconhece couve, I não tem o hábito de empregar nem tampouco de ouvir a palavra específica em espanhol (**col**). Para ela, tal termo não se reporta à verdura em questão, já que, desde a sua infância, apenas a come no Brasil. Na hipótese de que I tivesse pronunciado o termo **col** para continuar empregando a língua de base, sentiria grande artificialidade pois que jamais produziu essa palavra em circunstâncias naturais de fala. Desse modo, vê-se forçada a trocar de língua para poder expressar comodamente o que deseja.

Ellis (1994: 320) comenta a resistência que impede, de certo modo, que o falante realize transferências de formas marcadas de uma língua para a outra na qual as formas correspondentes sejam não marcadas. No exemplo, I toma um termo que não é marcado em português (*couve*) para substituir o seu equivalente em espanhol (**col**) que seria, ele sim, marcado no contexto em questão. A produção de *couve* em português condiciona, pelo princípio da economia - segundo o qual existe uma preferência por continuar empregando certos termos de uma língua em virtude de um menor esforço lingüístico (Li, 1996: 42) - o uso do mesmo sistema na produção da próxima, qual seja, *espinafre*.

Além disso, o que motiva I a continuar o seu discurso em português é o desejo de marcar claramente quais são as verduras preparadas pela empregada, uma vez que, ainda que em espanhol o termo **espinaça** seja, lingüística e culturalmente, passível de ser empregado, a retomada de tal idioma com a conseqüente utilização da forma não marcada implicaria perda de força na mensagem que tem a intenção de veicular.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não pretende abarcar a descrição e interpretação completa de todos os aspectos presentes na conversação dos interlocutores estudados tendo em vista as

limitações de análise do próprio discurso da pesquisadora equilíngüe. Contudo, o exame das interações das mesmas pessoas durante vários dias, em diferentes situações e tratando de assuntos diversos pode se constituir em uma contribuição à ciência da linguagem, uma vez que não estão disponíveis na literatura especializada exemplos deste tipo.

Dentre as motivações que colaboram para a ocorrência do fenômeno do code-switching elencadas acima, algumas não são registradas pela literatura à qual se teve acesso, como, por exemplo, a que diz respeito a fatores de digressão, a que o explica como sendo motivado justamente pela necessidade de manter o código em uso em vez de alterá-lo ou a que atribui a existência do code-switching ao desejo imperioso de marcar o discurso.

As digressões são momentos de alternância de língua através dos quais não se corta um assunto, não se termina a conversa nem tampouco se encontra uma maneira de realizar, por exemplo, uma despedida telefônica: pretende-se apenas fazer um parêntese, inserir um aposto dentro do discurso.

Normalmente, a alternância de língua durante a conversação bilíngüe acarreta uma mudança radical no tópico discursivo. Entretanto, evidenciou-se neste estudo que, muitas vezes, o code-switching objetiva justamente o efeito contrário e menos evidente, qual seja, o de manter os falantes dentro do mesmo assunto sem permitir que se afastem do tema até então em pauta durante o diálogo.

Conclui-se, finalmente, que o grande fator motivador de todo code-switching -intrasentencial, inter-sentencial ou entre enunciados no discurso - é atribuído ao desejo consciente ou inconsciente de marcar o discurso, à exigência interior de expressar idéias e pensamentos da maneira mais significativa e relevante possível.

Em virtude tanto dos próprios preconceitos sobre a função de cada uma de suas duas línguas, como dos estereótipos a respeito de sua alternância de código lingüístico, como também da atitude repressiva em relação ao code-switching motivado por falhas de acessamento na memória, é possível que algumas motivações não tenham sido suficientemente explicadas ou interpretadas pela pesquisadora.

O code-switching constitui, na verdade, elemento fundamental e repleto de sentidos na comunicação bilíngüe cujo significado mais importantes e apreciado nas circunstâncias até aqui descritas é justamente o de elemento definitivo de expressão da identidade cultural. Assim, tal aspecto constitui motivação fundamental na escolha do idioma empregável em certas passagens discursivas pela falante que tem à sua disposição dois inventários lingüísticos e culturais da mesma categoria, embora rica e afortunadamente díspares, aos quais pretende, sempre que possível, demonstrar lealdade.

BIBLIOGRAFIA

ELLIS, Rod. *The study of second language acquisition*. Oxford : Oxford University Press, 1994.

ERICKSON, Frederick. "Advantages and disadvantages of qualitative research design on foreign language research" in FREED, B. *Foreign Language Acquisition Research and the Classroom*. Lexington : D.C. Heath and Company, 1991. 338-353.

- ERVIN-TRIPP, Susan M. "Interaction of language, topic and listener" in FISHMAN, J.A. *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968. 192-211.
- GUMPERZ, John J. "Verbal strategies in multilingual communication" in ALATIS, K.E. *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1970. 129-147.
- HAMERS, Josiane F. & BLANC, Michel H. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- HOYOS ANDRADE, Rafael. "Prólogo" in FEIJÓO HOYOS, B.L. *Dicionário de falsos amigos do espanhol e do português*. São Paulo : Página Aberta: Consejería de Educación de la Embajada de España, 1992.
- HYMES, Dell H. "The ethnography of speaking" in FISHMAN, J.A. *Readings in the Sociology of Language*. The Hague : Mouton, 1968. 99-138.
- LI, David Chor-shing. "Explaining code-alternation : Resistance to transfer and reluctance to translate". Paper presented at the AILA World Congress held at the University of Jyväskylä, Finland, 1996.
- MYERS-SCOTTON, Carol. *Social motivations for Code-switching. Evidence from Africa*. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- NAWA, Takako. "Bilingüismo e mudança de código : uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília" in TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989. 199-215.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Introdução à psicolingüística*. São Paulo: Ática, 1991.
- SHARWOOD SMITH, Michael A. "Crosslinguistic influence in language loss" in HYLSTENSTAM, K. & OBLER, L. *Bilingualism across lifespan. Aspects of acquisition, maturity and loss*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. 185-201.